

JOGOS E BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O LÚDICO COMO RECURSO PEDAGÓGICO PARA O ENSINO-APRENDIZAGEM

Gabriela Germano Galdino¹
Maria Aparecida de Souza Ferreira²

RESUMO

Este trabalho é uma reformulação do relatório do Estágio Supervisionado na Educação Infantil, portanto, tem como objetivo discutir a relevância da ludicidade na educação infantil como um dos recursos que possibilita a participação da criança nas atividades desenvolvidas em sala. Além de proporcionar uma melhor fixação da aprendizagem dos alunos, uma vez que estes aprendem coletivamente, através de brincadeiras, jogos, dinâmicas e exercícios que contribuem para o desenvolvimento social, motor e cognitivo durante essa etapa tão importante para a criança. Essa pesquisa é de natureza qualitativa e de aspecto bibliográfico, para argumentação teórica foram utilizados os autores Piaget (1972), Rosamilha (1979), Kishimoto (1994), Tassoni (2000) e Almeida (1999), entre outros. Ao decorrer da discussão é realizado uma ponte entre a educação e a afetividade, apresentado na prática que ao utilizar estratégias de carinho, diálogo e afeição podem contribuir de forma significativa para a criança nesta etapa de formação social. O professor ao dialogar com os alunos explicando a importância de respeitar o colega, promovendo atividades que desenvolvam as emoções. Além de diversos outros exercícios que podem ser desenvolvidos no coletivo, proporciona o primeiro contato com o meio social, a lidar com as suas frustrações, alegrias, compartilhar brinquedos e outros está atuando no desenvolvimento social da criança para o seu autoconhecimento. Destarte, compreende-se que o aluno na educação infantil deve ser tratado como uma criança que necessita de um olhar mais caloroso pelo professor, principalmente no momento do andamento das atividades. Visto que os recursos utilizados são primordiais, ou seja, objetos, utensílios, jogos, pintura e etc., contribuem de forma mais eficaz para o ensino e aprendizagem do alunado.

Palavras-chave: Educação Infantil, Lúdico, Estágio Supervisionado, Afetividade, Ensino-aprendizagem.

INTRODUÇÃO

No decorrer do curso de Pedagogia o discente se apropria de diversos conhecimentos filosóficos e teóricos relacionados à educação. Isso permite que eles tenham o conhecimento científico necessário para iniciar a segunda etapa da graduação, sendo esta uma das mais importantes na formação acadêmica das licenciaturas, ou seja, o Estágio Supervisionado. É nesse processo vivido fora da Instituição de Ensino Superior (IES) que se inicia a execução de

¹Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, pelo Centro de Formação de Professores (CFP), campus Cajazeiras – PB; Pós-Graduanda em Neuropsicopedagogia Clínica e Institucional da Faculdade São Francisco da Paraíba – FASP, Cajazeiras – PB, e-mail: gabrielagermano326@gmail.com.

²Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG pelo Centro de Formação de Professores (CFP), campus Cajazeiras – PB, e-mail: aparecida.souza@estudante.ufcg.edu.br.



atividades de regências em sala, logo entrelaçando teoria e prática. Para muitos alunos da graduação, é um momento de angústia e um divisor de águas, onde estes irão se identificar ou não.

Esse relato de experiência tem como objetivo apresentar as vivências, angústias, considerações e aprendizados obtidos no decorrer do período de estágio, momento fundamental para que o graduando possa ter sua formação teórica em prática. Em virtude disso, a oportunidade de vivenciar a rotina de regência em sala, permite que o estagiário utilize as teorias aprendidas na graduação, alinhando o seu conhecimento com ações na instituição de ensino regular.

É no estágio que vivenciamos a realidade social do sistema educacional e temos noção das dificuldades e a precariedade do ensino básico das instituições escolares. Além do próprio descaso das autoridades acerca de materiais e utensílios básicos nas escolas, mediante a isso muitos estagiários ficam desmotivados perante a situação do contexto educativo. Mesmo diante dessas dificuldades, existem alguns professores em formação que tem um olhar sensível e, a partir disso, buscam estratégias de superar as dificuldades encontradas. Não é uma tarefa fácil, exige esforço, dedicação e muita perseverança daqueles que acreditam em uma educação igualitária e de acesso a todos.

Nesse sentido, ao alinharmos com a perspectiva de Lima (2008, p. 203), é durante a observação das aulas e da rotina escolar, surgem as primeiras reflexões do professor em formação. Logo, é realizada a investigação do cotidiano da instituição, a observação das práxis utilizadas e várias outras questões que são identificadas. O autor supracitado destaca que esse momento é crucial para a formação do professor, visto que “abre um leque de outras questões de investigação/intervenção que podem se constituir como aprendizagem da profissão docente”. Em conformidade a isso, é durante a possibilidade de viver o cotidiano escolar, observando seus aspectos positivos e negativos, experimentando a intervenção do ser professor, mesmo que por um curto período de tempo possui abertura para o amadurecimento profissional, permitindo que este aprenda com docentes mais experientes.

Diante disso, Lima (2008, p. 204) afirma que “o estágio é um período passageiro”, uma vez que depois que suas dúvidas iniciais são respondidas, novas questões acerca do trabalho docente serão apresentadas, portanto, mesmo após o estágio supervisionado, o graduando continua a se questionar e a investigar. Por essa lógica, o autor supramencionado enfatiza que o professor em formação sempre será um “eterno estagiário”, uma vez que sempre estamos em constante aprendizado mesmo após tornar-se um profissional na área da educação.



Portanto, faz-se necessário haver esse momento de interação com as instituições de ensino regular, possibilitando de uma forma ampla a vivência e experiência da realidade de uma sala de aula. A teoria e prática estão relacionadas desde o princípio, ambas trabalham em conjunto para assim utilizar a teoria no momento de lecionar, havendo assim, um suporte teórico no qual é possível recorrer e buscar formas de aplicá-lo a realidade daquela determinada turma que o estagiário está responsável durante os dias de regência.

OS DESAFIOS FINDADOS NA PRÁTICA DOCÊNCIA ORIUNDOS DA PANDEMIA DO COVID-19

A pandemia ocasionou um grande déficit no aprendizado de milhares de adolescentes e especialmente em crianças brasileiras. Os alunos da Educação Infantil e Anos Iniciais têm sofrido as consequências árduas do Ensino à Distância (EAD), visto que foi um período pouco produtivo e a falta de contato com as instituições de ensino impossibilitou a qualidade do ensino. Em concordância com Barbosa; Gobbato (2021, p. 1439) “as dificuldades das professoras de crianças de 0 a 5 anos enfrentadas em meio a pandemia não se instauraram com o vírus, tampouco são culpa deles”, o aprendizado dos demais conteúdo propostos durante as aulas foi prejudicado pela falta de contato entre discente e docente, impossibilitando um aprendizado mais eficaz. Além disso, nem todas as famílias conseguiram dar o apoio necessário durante esse período com disponibilização de ferramentas tecnológicas, acompanhamento das atividades das crianças auxiliando-as quando necessário.

É importante pontuar que não foram apenas os alunos que sofreram durante esse período, mas também os professores, que foram obrigados a se adaptar com às novas metodologias e tecnologias, na maioria das vezes sem o menor apoio ou formação necessária para isso. Nesse sentido, educadores se viram tendo que aprender mais uma vez a “dar aulas”, ou seja, se reinventar na sua prática pedagógica. Logo, tiveram que se tornar alunos novamente e alfabetizar-se nesse novo mundo digital, indo de encontro a uma das célebres frases de Paulo Freire (2003, p. 47) “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção”. Esse momento nos leva a pensar que o professor é um eterno estudante, pois, como visto, tende a se reinventar em suas práticas devido às mudanças do mundo moderno.

Inúmeros estudos apontam o grau de perda dos índices escolares e redução da aprendizagem durante o período pandêmico, visto que foi possível constatar o prejuízo através de dados obtidos em pesquisas. A Fundação Lemann, liderada por André Portela, economista



e professor de Políticas Públicas da Escola de Economia de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas (FGV EESP), afirma em sua pesquisa: “a pandemia pode levar o ensino fundamental brasileiro ao patamar de aprendizagem menor do que o atingido em 2015. Perda de aprendizado no Brasil durante a pandemia de covid-19 e o avanço da desigualdade educacional”. A partir dessa correlação, pode-se observar que, de fato, o impacto na educação brasileira foi negativo e repercutirá ao longo dos próximos anos. O desafio do Ministério da Educação, em conjunto com os estados federais, em superar esse déficit será um momento de luta pela recuperação da educação básica de qualidade.

Em consonância com a perspectiva de Leoncini; Thomas (2018, p. 95) “[...] na modernidade líquida tudo mudou. Cada um de nós, no palco da contemporaneidade, está ciente da impotência dos instrumentos que possui”. A partir dessa correlação, que os autores citados fazem sob as palavras de Zygmunt Bauman, nos debruçamos sobre as lacunas dentro do trabalho do professor. Observa-se que, mesmo com todos os esforços feitos pelos docentes em oferecer a melhor aprendizagem para seus alunos, ainda ficarão lacunas nesse processo. O professor e a escola entendem essa lacuna, advinda dos fatores externos ocasionados pela pandemia, pois, como é ressaltado por Santos *et al.* (2020, p. 85), “à docência se constitui em uma ação complexa, não só de sala de aula mais compreende e é influenciada por aspectos políticos, sociais, culturais, econômicos [...]”. Entretanto, terceiros veem como uma falha que a escola deve reparar. Essa cobrança recai ainda mais incisivamente na figura do docente que está à frente do processo de ensino, ocasionando um trabalho pedagógico ainda mais “vigiado” e, assim, qualquer resultado insatisfatório surge inúmeros questionamentos e indagações.

O desafio do docente em meio a esse cenário nunca foi tão difícil de enfrentar. Requer repensar as metodologias propostas e a mediação do conhecimento. É necessário pensar em possíveis meios para suprir essa carência, porém, como fazer isso? Torna-se isso uma das maiores indagações que o docente possui. O ato de educar não é uma mera ferramenta que é aplicada sem a utilização de estratégias, meios e adaptações. O educador é o principal responsável pela formação daquelas crianças e, para que haja um bom desempenho surge a necessidade de encontrar alternativas que em muitas situações o contexto escolar não consegue suprir. Assim, portanto, agrava a sua angústia mediante a situação em que se encontra. Em alinhamento com a ótica do educador Paulo Freire (), a educação é um ato político, não existe pedagogia e/ou ensino neutro, o próprio educador é um ser social que deve buscar lutar por uma educação emancipadora e reflexiva.

O USO DE MATERIAIS LÚDICOS COMO RECURSO PEDAGÓGICO

Sob a perspectiva do autor Alves (1995, p. 42) “o lúdico proporciona alegria nos espaços em que se faz presente, ao mesmo tempo em que possibilita a esperança de liberdade o mundo todo, sugerindo também que há outras possibilidades para a vida humana”, em consequência disso, pode-se concluir que os recursos lúdicos proporcionam o exercício da memória e exploram sua imaginação com itens que são voltados para os seus pares da mesma idade, despertando assim, o trabalho em conjunto com o colega. No período pandêmico a ausência dessa interação entre o aluno e professor, impossibilitou a criação de laços e interação com os seus demais pares, tendo em vista que é durante essa etapa tão crucial da formação que a criança inicia a sua rotina escolar. Ela sempre estará aprendendo algo novo, seja com o (a) professor (a) ou com as outras crianças, afinal, estão em um processo de socialização e aprendizagem em conjunto.

Esse, portanto é o momento ideal, segundo Montessori (1987) para que a criança tenha o momento de partilha, troca de saberes e/ou experiências e, sobretudo, o início a sua autonomia para a tomada de decisões. As ferramentas lúdicas são meios que possibilitam um ensino diverso e mais dinâmico, afinal, desperta a sua curiosidade em explorar aquele material diferenciado e que nunca foi visto anteriormente. É mediante ao despertar dessa curiosidade com a atribuição desses artefatos pedagógicos que a aula se torna mais atrativa para o educando na educação infantil, tornando algo encantador e a prendendo em um mundo de fantasia.

De acordo com Kishimoto (1994, p. 19) “a criança brinca para conhecer a si própria e aos outros em suas relações recíprocas”, assim, quando brinca a criança não está somente ocupando seu tempo e se divertindo, ela está estabelecendo uma relação consigo mesma e com os outros ao seu redor. Nesse brincar ela tenta interagir, da sua maneira, com o mundo à sua volta. Quando se inclui o lúdico na educação, o professor pode entrar na realidade da criança e, ao adentrar nela, apresentar as informações que julgar úteis, sem tornar o aprender uma técnica maçante. Essa é a forma mais eficaz de introduzir o ambiente escolar e os conteúdos intrínsecos nele, mas sem sair do universo da criança.

Os educadores são peças determinantes desse processo educacional, devem estar atentos para não tornar a atividade lúdica apenas uma brincadeira. Deve ser utilizado como um meio de facilitação de aprendizagem de conteúdo, dado que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), no seu artigo 29, determina que “a educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de

idade em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” (Brasil, 1996). A criança necessita que sejam trabalhadas diferentes modalidades e formas de ensino, é mediante a isso que se torna essencial analisar quais conceitos e atividades são mais adequadas às diferentes turmas do ensino infantil. Buscando sempre trabalhar os diversos aspectos presentes no cotidiano da criança, o lúdico não deve ser utilizado apenas como um meio de brincadeira; existe a necessidade de trabalhar a coordenação motora fina e grossa, usufruindo de recursos a serem trabalhados na sala de aula que foram especialmente confeccionados e/ou comprados para esse momento.

Em decorrência disso, faz-se necessário que cada atividade a ser pensada e discutida com a coordenadora pedagógica tenha uma relação e um objetivo em comum, que seria contemplar as áreas do desenvolvimento infantil que estão propostas pela LDB e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Em consonância com as ideias de Piaget (1972, p. 14), “a criança só realiza alguma ação exterior ou mesmo inteiramente interior quando impulsionada por um motivo e esse traduz sempre sob a forma de uma necessidade (uma necessidade elementar, ou um interesse, uma pergunta etc.) [...]”, é indiscutível que a criança necessita de incentivos para participar das atividades desenvolvidas em sala de aula. Por isso, surge a necessidade da realização de um planejamento antecipado para produzir materiais e/ou recursos que serão utilizados, entretanto, a rotina exaustiva e a própria cobrança das instituições de ensino regular tornam esse momento como um “sacrifício” a ser realizado. O professor em diversos momentos perde a sua criatividade e utiliza-se dos mesmos mecanismos já utilizados anteriormente, sem que haja o momento de inovar os seus materiais e/ou itens de trabalho.

Ainda em coesão com Piaget (1972), verifica-se que a criança necessita de um estímulo externo ou interno para desenvolver alguma ação com a função de exercer algo que está sendo visto por ela como um questionamento ou uma atividade que lhe seja atrativa e despertar o desejo de realizar. Dessa forma, a proposta de atividade lúdica advém de despertar a curiosidade e promover a realização a partir da ação do interesse em participar desse momento de interação, que não se limita ao conteúdo didático, dedicando-se a um exercício de múltiplo desempenho na sua realização.

Ao alinharmos com a literatura científica (Kishimoto, 1994; Montessori, 1987; Piaget, 1972 e Rosamilha, 1979) o lúdico como uma ferramenta pedagógica faz-se necessário à sua utilização e elaboração de exercícios atribuídos às necessidades daquelas crianças, observando a sua execução como forma de buscar novos meios para aprimorar e buscar formas de utilizar em diferentes situações essa metodologia de ensino que está presente na rotina dentro e fora



da instituição de ensino. O uso de jogos como artefatos pedagógicos é um recurso que incita o educando a participar da aula, tendo em vista que esses materiais proporcionam o ensino-aprendizado enquanto a criança está brincando.

Em consequência disso, os jogos e brincadeiras proporcionam uma aula mais dinâmica, ativa e oferece uma diversidade de exercícios para serem apresentados. Afinal, o objetivo é atrair a atenção da criança para que ele se interesse por aquela aula e participe de maneira espontânea através dos estímulos educativos apresentados. E, conseqüentemente, o desempenho acadêmico desse aluno será positivo, pois, como afirma Rosamilha (1979, p. 77) “a criança é, antes de tudo, um ser feito para brincar. O jogo, eis aí um artifício que a natureza encontrou para levar a criança a empregar uma atividade útil ao seu desenvolvimento físico e mental”. O brincar possibilita à criança interagir de diversas formas: desde a socialização até trabalhar a sua imaginação, exercício da memória, promover um melhor rendimento e auxiliar em uma aprendizagem significativa.

Existem diversas vantagens para a criança enquanto se aprende através de jogos e brincadeiras. Por esse motivo, surge a necessidade de um olhar sensível e reflexivo mediante o desenvolvimento dessas atividades a serem apresentadas em sala, afinal o professor deve estar sempre alinhando os recursos pedagógicos com as habilidades e conteúdo a serem desenvolvidos durante o decorrer dos semestres. Uma das mais presentes estratégias de ensino na etapa da educação infantil é o uso de atividades recreativas em que consistem no movimento corporal, a imaginação para a criação de desenhos e exploração dos elementos apresentados durante a narração da contação de história. Existem inúmeras alternativas diárias a serem exploradas para que seja atingido o potencial daquela criança. É durante esse momento que o educador se torna a figura principal em que apresenta para o aluno um universo repleto de surpresas, misto de emoções e aquele que desperta indagações a serem exploradas posteriormente.

De antemão, é possível afirmar de acordo com a perspectiva freireana que o papel do professor não é ser um mero reprodutor de conhecimentos, à medida que a sua presença é o receptor de novas possibilidades para aquela criança. Desse modo, ao trazermos o acesso a conhecimentos múltiplos aos educandos da educação infantil é um dos momentos essenciais para a formação inicial da criança. Muitos que observam de fora avaliam o trabalho desenvolvido com rótulos baseados em achismos e sem o menor conhecimento da relevância que essas atividades possuem para a rotina e educação inicial.

METODOLOGIA

Em consonância com Minayo (2011) toda investigação tem por ponto inicial uma questão, dúvida ou pergunta, a resposta para essas inquietações se conectam a conhecimentos já propostos ou a necessidade de novos dados nessas pesquisas. Nesse ínterim, a nascente desse texto se originou a partir da vivência do Estágio Curricular Supervisionado Obrigatório em Educação Infantil, onde as autoras puderam perceber de perto, a importância e os avanços no desenvolvimento da criança por meio da ludicidade. A pesquisa trata-se de uma abordagem qualitativa, pois não se atém a traduzir seus dados em números, mas se manusear num “mundo de significados” (Minayo, 2011, p. 22).

A base de dados utilizados na pesquisa, se destinou nos sites acadêmicos Scielo e Google Acadêmico. Ao pesquisar sobre ludicidade e sua importância para a Educação Infantil foi possível identificar diversos autores que tratam dessa temática, especificamente nesse texto, optamos por escolher alguns que chamaram uma maior atenção, como Alves (1995); Kishimoto (1994); Montessori (1987); Piaget (1972) e Rosamilha, (1979).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A turma na qual foi designada para as atividades durante o período de estágio no ano de 2022 foi a sala do Infantil V “A”, possuindo dezoito (18) alunos entre 05 e 06 anos, dentre estes, dois (02) possuem o diagnóstico do Transtorno do Espectro do Autismo (TEA). A instituição de ensino funciona nos turnos matutino e vespertino, possuindo cinco salas, todas climatizadas. Cada turma possui duas (02) professoras que atuam como regentes, segmentando suas atividades por três áreas do conhecimento: Linguagens, Matemática e Ciências, abordando também aspectos e temas de outras áreas do conhecimento durante as aulas. Durante a semana são organizados dois dias para exploração da área de linguagens, um dia para discutir e explorar a área das Ciências e dois (02) dias para a exploração da área da Matemática.

No decorrer do Estágio Supervisionado na Educação Infantil, durante o período de observação, foi possível perceber que as docentes possuem carinho, paciência e todo um cuidado com as crianças. Visto que em diversas situações os alunos estavam mais agitados e ocorriam conflitos, as professoras sempre buscavam estratégias para acalmá-los. Logo após essas situações serem resolvidas, iniciava-se um diálogo em que era explicado o porquê aquilo que fizeram ser errado, além de que as suas ações poderiam magoar o colega e/ou



machucar. Em algumas das nossas conversas com as docentes, elas nos explicaram um pouco da realidade de algumas crianças e as dificuldades enfrentadas por elas durante o ano letivo.

Em diversas ocasiões a presença da afetividade na sala de aula e como ela pode ajudar nesses momentos de adversidade, é abordado por Almeida (1999) a sala de aula também é um ambiente onde as emoções se afloram, é durante a infância que esses sentimentos emergem ainda mais. Ainda segundo a autora, o professor deve se desfrutar dessa “fonte de energia”, pois ela pode servir como facilitadora de conhecimento. Foi perceptível em muitos momentos e situações que decidimos iniciar conversas com as crianças para buscar nos aproximar e conhecê-las melhor. Algumas mantinham-se distantes, e outras foi mais fácil o contato de imediato ao decorrer do período de observação, portanto, antes de iniciar de maneira abrupta a regência na sala de aula é necessário que exista esse primeiro contato para a troca de partilha e afetividade. Em consequência disso, é possível afirmar que toda “aprendizagem está impregnada de afetividade”, a socialização é um elemento crucial para que o ensino seja proveitoso para o alunado (Tassoni, 2000, p. 03).

Diante desses expostos, faz-se necessário pontuar as considerações das autoras Amorim; Navarro (2012, p. 03) mediante a definição acerca da educação infantil quando sinalizam que é “[...] responsável pela oferta dos primeiros caminhos de formação e socialização da criança fora do círculo familiar, tornando-se a base da aprendizagem, que será responsável por oferecer as condições básicas e necessárias para que a criança se sinta segura e protegida”. A afetividade é um importante aliado no processo educacional, visto que nesse período os alunos estão na faixa de idade entre 0 e 05 anos, portanto, a afetividade no contexto educacional corrobora para um melhor acolhimento e adaptação a rotina escolar.

CONCLUSÃO

Destarte, a vista do que foi mencionado, inicialmente, com as particularidades advindas do período pandêmico, em relação a aprendizagem dos alunos, destacamos a valia do lúdico para o ensino-aprendizagem. Que nesse momento os alunos, pais e professores estavam se readaptando a volta ao ensino presencial, onde ainda encontramos diversas incertezas, lacunas e, muitas vezes, opressão na prática docente.

A ludicidade vem trazer um acalento, tanto para os alunos que começam a ver as aulas de forma mais leve e divertida, principalmente, após a falta de contato com outras crianças e adultos durante o período pandêmico, sabe-se o quanto as crianças necessitam do contato com o mundo externo, sobretudo, o ambiente escolar em que estes vão fazer novos amigos,



aprender a viver em sociedade, a lidar com suas incertezas, dilemas, angústias, alegrias e, principalmente, a compartilhar objetos por exemplo, como brinquedos, materiais escolares, e outros.

A criança desenvolve o amadurecimento emocional, social e coletivo no ambiente escolar, em muitas situações foi possível notar que muitas crianças ainda estavam assustadas diante dos eventos traumáticos que foi para as famílias vivenciar a Pandemia, infelizmente a readaptação para muitos ainda estava em processo a passos lentos. Dado isto, quando os educadores que se utilizam dessa prática para que os educandos absorvam o conteúdo de forma mais rápida, simples e didática.

Portanto, nesse relato pode-se representar a contribuição que essa forma de ensino trouxe para as autoras e destacar a influência positiva dentro do Estágio Obrigatório nos Anos Iniciais para ambas, pois acarretou em diversos momentos de afetividade entre estagiárias e alunos, sendo este, como amplamente mencionado nesse estudo, um importante contribuinte para a aprendizagem. E, assim, possibilitou mostrar que o estágio não se perpassa como um momento doloroso e sem significado emocional, como muitas vezes é tratado.

Esse período é uma troca de experiências entre os professores mais experientes e os que estão em formação, a observação das práxis de outros educadores e, sobretudo, um momento crucial para o estagiário pois para alguns pode ser uma experiência negativa, enquanto para outros se identificam com aquela área e, conseqüentemente despertam uma proximidade maior. Frisa-se que durante e/ou após o Estágio Supervisionado o graduando inicia-se uma autorreflexão das suas práxis, ou seja, inicia-se a consolidação como um educador.

REFERÊNCIAS

ALFANO, Bruno. **País pode perder até 4 anos de aprendizagem na educação básica em 2020**. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/pais-pode-perder-ate-4-anos-de-aprendizagem-na-educacao-basica-em-2020-24914187>. Acesso em: 28 de março de 2023.

ALVES, Rubem. Histórias de quem gosta de ensinar. São Paulo: **Ars Poética**, 1995.

ALMEIDA, Ana Rita. A emoção na sala de aula. Campinas, São Paulo: **Papirus**, 1999.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. GOBBATO, Carolina. Tópicos para (re)pensar os rumos para a educação infantil (pós)pandemia. **Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 23, n. 44, p. 1422-1448, jul./dez., 2021. Universidade Federal de e Santa Catarina. ISSN 1980-4512.

BRASIL. **Lei nº 9.394** de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 16 de janeiro de 2023.



DE AMORIM, Márcia Camila Souza. NAVARRO, Elaine Cristina. Afetividade na Educação Infantil. Interdisciplinar: **Revista Eletrônica da Univar** (2012) n.º 7 p. 1 - 7. ISSN 1984-431X.

DE SOUZA MINAYO, Maria Cecília; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. **Editores Vozes Limitada**, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia** - saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

KISHIMOTO, Tizuko M. O Jogo e a Educação Infantil. São Paulo: **Pioneira**, 1994.

LEONCINI, T. A última lição. In: BAUMAN, Z; LEONCINI, T. Nascidos em tempos líquidos: transformações no terceiro milênio. Rio de Janeiro. **Zahar**. 2018.

LIMA, Maria Socorro Lucena. Reflexões sobre o estágio/prática de ensino na formação de professores. **Revista Diálogo Educacional**, v. 8, n. 23, p. 195-205, 2008.

MONTESSORI, Maria. *Mente Absorvente*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1987.

PIAGET, Jean. *Seis estudos de psicologia*. Tradução de Maria Alice Magalhães D'Amorim e Paulo Sérgio Lima Silva. Rio de Janeiro: **Forense**, 1972.

ROSAMILHA, Nelson. *Psicologia do jogo e aprendizagem infantil*. São Paulo: **Pioneira**, 1979.

SANTOS, Andreia Moreira et al. OS DESAFIOS DA PRÁTICA DOCENTE EM TEMPO DE PANDEMIA: OS DESAFIOS DA PRÁTICA DOCENTE EM TEMPO DE PANDEMIA. **Anais do Seminário de Atualização de Práticas Docentes**, v. 2, n. 2, 2020.

TASSONI, Elvira Cristina Martins. Afetividade e aprendizagem: a relação professor-aluno. **Psicologia, análise e crítica da prática educacional**. Campinas: ANPED, p. 1-17, 2000.